



Emanuel Oliveira Medeiros
Professor Universitário*

Açores e Cabo-Verde, um Abraço entre Ilhas

No âmbito do MIL- Movimento Internacional Lusófono – desenvolvemos, e estão em perspectiva, projetos, mobilizando a participação de outros/as professores e investigadores, - com adesão manifesta - que resultou já na publicação, entre outras edições, dos seguintes dois livros coletivos: Medeiros, Emanuel Oliveira (2022). (Coordenador) *Educação, Formação e Cultura(s). Mundos de Conhecimento e Horizontes de Sentido(s)*. Lisboa: Edições MIL e Medeiros, Emanuel Oliveira (2022). (Coordenador). *Teoria da Educação e Formação de Professores. Conceções, Perspetivas e Práticas*. Lisboa: Edições MIL.

Já estão planeados outros livros – e outras iniciativas - que integrarão, de modo ativo, Professores(as)/investigadores dos Açores (de outras zonas de Portugal), do Brasil, Cabo-Verde e de outros Países e Comunidades da Lusofonia. Tudo a seu tempo.

Desde que estive em Cabo-Verde, num Congresso Internacional da SOFELP, senti-me irmanado, - com o Povo e na Língua Portuguesa - e despertou em mim, e ficou bem vivo, um sentimento de uma Região e País Irmão. *Açores e Cabo-Verde, um Abraço entre Ilhas: Na Beleza do Ser, das Pessoas e das Paisagens – nesses dois Imensos Continentes, feitos de Mar, no/s quais mergulhamos os nossos sonhos, que têm a leveza das nuvens, o enraizamento na Terra e a Firmeza nas Rochas. E tudo isso é Ser, Educação e Cultura.*

Emanuel Oliveira Medeiros

TEXTOS DA INSULARIDADE E POÉTICAS DA EDUCAÇÃO



Carlos Bellino Sacadura¹

Este artigo visa introduzir a problemática do conhecimento estético no âmbito do que se poderia designar como a condição insular, baseada numa educação pela arte, com referência principal a Cabo Verde e aos Açores. A condição insular é antinómica: por um lado, a insularidade é referida como sinónimo de isolamento, condicionamento ou limitação, porque se encerra em fronteiras terrestres delimitadas; por outro, tem um horizonte ilimitado, a sugerir a infinitude – o mar, como evoca o poeta cabo-verdiano Jorge Barbosa, no seu poema *O Mar*: (...) *Ai o mar | que nos dilata sonhos (...)! Ai a cinta do mar | que (...)* insinua horizontes para lá do nosso isolamento!

Esta paisagem convida à viagem, e a outra antinomia, entre a permanência e a partida. O apelo à deslocação resulta, nos casos cabo-verdiano e açoriano, na elevada proporção de emigrantes, ultrapassando em número os residentes nas ilhas. Não é a essas viagens que se pretende aqui fazer referência, mas às efetuadas no espaço literário, que igualmente retiram as ilhas do isolamento e as abrem ao mundo, tema que o poeta e ensaísta açoriano Pedro da Silveira aborda no seu livro *A Ilha e o Mundo*. O encontro entre povos e culturas, a construção de uma identidade em contexto insular, faz-se também pelos percursos e comunicação entre textos – pela *intertextualidade* onde circulam, no tempo e no espaço, as produções culturais em geral e literárias em particular. O diálogo inter-textual entre Pedro da Silveira e Jorge Barbosa é também um encontro entre duas *geografias poéticas* – para usar uma expressão do filósofo Michel Onfray –, onde se pode formar, como indica o estudioso das literaturas insulares Urbano Bettencourt, um *pensamento insular* tendo como modelos as Revistas *Claridade*, em Cabo Verde, e *A Ilha*, nos Açores, enquanto projetos que superavam o âmbito literário para se abrirem a um *ethos* onde se poderiam encontrar novos modos de ser, de habitar e viver a condição insular: *Cabedoria (...)* a Pedro da Silveira *mais consistente e duradoura difusão do ideário da Claridade (...)*. *A forma como descobriu a nova poesia cabo-verdiana (...)* revela um conjunto de pequenos acontecimentos em rede insular (...), as ocasiões capazes de lhe abrirem as portas do conhecimento de diferentes culturas e autores. (Urbano Bettencourt, “Claridade, claridosidade – a irradiação açoriana”, in *Claridosidade*. Lisboa, 2017, p.157).



Cabo Verde - Vulcão da Ilha do Fogo



Cabo Verde - Ilha da Boavista

Não restringir a identidade ao território, mas à relação com o mundo, e redefinir aquilo a que pertencemos, parece ser uma tarefa para os cabo-verdianos e açorianos, que se pluralizam nas diásporas, para lá das fronteiras, tornando-as porosas e em constante deslocação. Filhos do Atlântico, horizonte primeiro e envolvente, não teríamos dificuldade em considerar a água como origem do Universo, como Tales – pelo menos do nosso Universo Atlântico. As ilhas oferecem-nos o que Onfray denomina como *paisagens fundadoras*, onde o horizonte visível se desdobra numa profundidade invisível, com linhas a apontar para o infinito, como nas linhas de fuga da perspectiva nas pinturas renascentistas. Em vez de se oporem – como em Platão - o visível e o invisível, o sensível e o inteligível, a matéria e o espírito, tornam-se complementares na paisagem terrestre e marítima das ilhas, como na visão poética da ilha do Fogo nos versos de José Luís Tavares, um dos maiores poetas das ilhas no presente. O fogo referido por Heraclito, o fogo vulcânico, o magma e a lava transmutados em pedra, é acompanhado pelo *poeta das pedras* que, longe de pairar no etéreo ou de limitar-se ao atual, é contemporâneo do princípio das coisas e das rochas vulcânicas resultantes do fogo inicial: *Agora canta a pedra que te entra pelos poros, | (...) onde vês o futuro mar anterior ao dilúvio, e onde a cinza | redemoinhando assinala a rota das grandes erupções | petrificando a casa na retina, essa humana memória | jazendo à sombra do pico mais cimeiro*. (José Luiz Tavares, *Coração de Lava*. Praia, Edições Universidade de Santiago, 2014, p.25)

A beleza dos versos na sua evocação da atividade vulcânica não faz o seu autor esquecer o drama das populações retiradas das suas terras e habitações pelas erupções. A vida dos ilhéus é também marcada pelo trágico, mas também pelo renascer da esperança depois dos piores momentos, como a Fénix que renasce das cinzas ou como Sísifo nunca desistindo de recomeçar a subida da montanha. No poema das ilhas a geografia e a filosofia convergem: a presença da Natureza impõe-se ao olhar, como acontecia com os filósofos pré-socráticos. Também aqui vamos ao encontro das origens do filosofar, antes de a revolução socrática ter rompido com as cosmologias filosóficas (ou Filosofias da Natureza), para se centrar apenas no ser humano.

Para Merleau-Ponty *filosofar é aprender a ver o mundo*. A ideia de aprendizagem liga-se habitualmente a uma técnica ou profissão, mas a aprendizagem pela arte, que encontramos na poesia – aqui focada a partir de uma *poética das ilhas*, constitui um modelo para a educação como formação, tanto da inteligência como da sensibilidade.

Carlos Bellino Sacadura

¹ Professor da Universidade de Cabo Verde (reformado), Doutorado em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa (Faculdade de Filosofia de Braga), Investigador em Filosofia da Educação, Hermenêutica, Epistemologia, Estética e Ética.

*Doutorado e Agregado em Educação e na Especialidade de Filosofia da Educação